

# Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes

Curralinho PA

PROJETO

## Mapeamento Social

como Instrumento  
de Gestão Territorial  
contra o Desmatamento  
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS  
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



# 14



**NOVA CARTOGRAFIA  
SOCIAL DA AMAZÔNIA**





**ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTES DE QUILOMBOS  
COMUNITÁRIOS EXTRATIVISTAS DO RIO MUTUACÁ  
E AFLUENTES – ARQUIRMA**

PRESIDENTE: Maria de Fátima de Jesus Souza  
VICE-PRESIDENTE: Morisalbert de Jesus Carvalho  
SECRETÁRIO: Raimundo Elinaldo de Jesus Ribeiro  
TESOUREIRO: Evaristo Teles Carvalho e Teles de Carvalho  
Data de fundação: 11 de setembro de 2004  
Diretoria eleita em 11 de setembro de 2013

© UEA Edições – Manaus 2014

**COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO**

Alfredo Wagner Berno de Almeida  
Rosa Elisabeth Acevedo Marin

**TRABALHO DE CAMPO**

Rosa Elisabeth Acevedo Marin  
Eliana Teles Rodrigues

**FOTOGRAFIA**

Rosa Elisabeth Acevedo Marin  
Eliana Teles Rodrigues

**EDIÇÃO**

Rosa Elisabeth Acevedo Marin  
Eliana Teles Rodrigues

**GEORREFERENCIAMENTO**

Morrisalberte de Jesus Carvalho  
Manoel Baía Oliveira  
Gilvandro de Jesus  
Raimundo Elinaldo de Jesus Ribeiro  
Eliana Teles Rodrigues

**TRANSCRIÇÃO**

Eliana Teles Rodrigues  
Anderson Carvalho  
Everton Teles

**ELABORAÇÃO DO MAPA**

Thiago Alan Guedes Sabino

**DESIGN GRÁFICO**

Casa 8 Projetos e Edições

**Participantes das Oficinas**

Ana Mouse Borges Moraes, Andressa de Melo dos Santos, Antônio de Jesus Carmo, Antônio Ferreira de Jesus, Deizilene de Souza Moraes, Cibele da Silva dos Santos, Edaldi Pantoja Maciel, Evaristo Teles de Carvalho, Gilvandro de Jesus Souza, Glauce do Carmo Soares, Gleice do Carmo Soares, Helen Fabiane Garcia Medeiros, Ivanildo Pinheiro Gomes, João Fernandes Ferreira de Jesus, João Tione de Jesus, João Souza de Jesus, Jonas Monteiro de Oliveira, Josias Monteiro de Oliveira, Jaquelma Pinheiro Pessoa, Juciele Pantoja de Oliveira, Jucilene Pereira de Jesus, Justa Pantoja de Oliveira, Keila Nogueira da Cruz, Leandra dos Santos Souza, Leonel Pantoja de Oliveira, Lucilena de Jesus Souza, Luiz Henrique Pereira Garcia, Manoel Baía Oliveira, Manoel da Anunciação Soares, Manoel Teles de Oliveira, Marcia de Jesus Souza, Maria das Graças de Jesus Carvalho, Maria Gorete Pantoja Maciel, Maria de Fátima Jesus Souza, Maria de Nazaré Pinheiro Oliveira, Maria Emília de Jesus Aguiar, Maria Madalena Batista de Jesus, Maria Rosa de Jesus Oliveira, Marlene Pereira de Jesus, Michele Pereira dos Santos, Milena Pereira dos Santos, Morisalberte de Jesus Carvalho, Rafaela de Jesus Soares, Rafaelma de Jesus Soares, Raimundo Elinaldo de Jesus Ribeiro, Raimundo de Jesus Oliveira, Rosália de Jesus Oliveira, Rosiane Gonçalves Cardoso, Silas de Freitas Pantoja, Tereza Dias Pinheiro, Valdeci Moreira Baratinha

---

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: Quilombolas do Rio Mutuacá e seus afluentes – Curralinho, Pará, 14 / coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elisabeth Acevedo Marin. – Manaus: UEA Edições, 2014.

12 p.: il. color.; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-287-2

1. Conflitos sociais. 2. Quilombolas – Pará. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elisabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811.5)

---



Quilombolas do Rio Mutuacá examinam os croquis produzidos em março de 2013

## O território quilombola de Curralinho é o Rio Mutuacá e seus afluentes

“Falando da Associação nossa, do quilombo. Vocês viram que em primeiro de janeiro de 2000 foi a primeira conversa associada para nós constituir nossa entidade. A gente convidou todos os moradores do rio; fizemos varias reuniões até que no dia onze de setembro decidimos autorizá-lo e enquadrar inteiro o território quilombola. Então, dali passou a ser território quilombola. A Reserva entrou, o INCRA entrou, mas já era território quilombola em dia 11 de setembro de 2004 e em 2005 ela foi registrada em cartório; na Receita Federal, em todos os órgãos federais, ela já estava arquivada, com protocolo no INCRA, no SPU, no GRPU em todos esses lugares ela lá já esta registrada.” MARIA DE FÁTIMA DE JESUS SOUZA

“Eu quero só fazer um esclarecimento que essa parte aqui é a sede de quilombos porque nela estava toda localizada a simbologia dos escravos. Aqui dentro da comunidade, tem um engenho, como colocou aí no papel, mostrando a importância que tem até hoje essa marca. Então, aqui estavam localizado os patrões e os escravos e quando as coisas não aconteciam da forma que eles queriam, eles eram recolhidos pelo estaleiros e levavam pelo rio todinho para vir morrer. Bem aqui está o cemitério dos escravos. Quando foi feita a pesquisa das raízes eles definiram que uma parte dos quilombos estava na parte de baixo, que era São José da Povoação, e a outra parte estava localizada aqui que é a comunidade de Boa Fé. Essa parte era onde estava, a esquerda, outra equipe de remanescente de quilombos, e por isso que a Associação definiu de a Boca até Boa Fé, incluindo naturalmente aqueles que estavam aqui. Dentro disso tudo aqui também existe o cemitério da Cabanagem. Vejam que eu coloquei um cemitério dentro do Camauá representando o cemitério dos Cabanos e nessa parte do Maxuquiri, vem na frente, desse lado daqui parte atrás que mostra está uma simbologia da Cabanagem e aqui nas Três Bocas também.” JUSTA PANTOJA DE OLIVEIRA

## Território quilombola cortado pela RESEX Terra Grande Pracuúba

“O estatuto dessa Associação rege que a região quilombola vem desde aqui até os confins do Rio Mutuacá e seus afluentes. O que aconteceu? A Reserva Terra Grande Pracuúba veio chegando gradativamente e entrou aqui, é parte que cortou. Então, o que aconteceu? A comunidade, sede quilombola, não está nem no assentamento e nem na Reserva, ela está em torno da Reserva, entendeu? E a partir da minha comunidade pra acima, nós temos terra dentro da Reserva e isso aqui está gerando um grande questionamento entre as famílias e a as comunidades. Por quê? Eles impõem o estatuto, um plano de uso, mas a Associação Quilombola também tem um

estatuto, também tem um regime interno e que leva daqui até o final. Então, veja bem, a Reserva chegou demarcando as áreas e depois ela chegou querendo ser dona. As pessoas que trabalham, por exemplo, como funcionário público, eles não fizeram cadastro dessas famílias dentro da Reserva. Você não tem direito, eu sou uma delas, de fazer nenhum projeto da Reserva e nem o nosso nome consta na moradia da Reserva. Onde eu moro que é a vila das Três bocas, ela cortou a vila bem no meio e nós ficamos em torno da Reserva, a escola também está em torno dela, mas aí eles englobaram o que está em torno da Reserva, e isso já deu quase uma briga de terra por causa dessa situação.” JUSTA PANTOJA DE OLIVEIRA



Quilombolas do Rio Mutuacá elaboram os croquis e legendas do território quilombola

“No território tem Santa Izabel, a primeira comunidade que foi mostrada aqui; comunidade São José que é a sede da Associação Quilombola; tem a comunidade Menino Jesus das Três Bocas que é onde eu moro, comunidade Santa Maria que é a mais nova hoje, a comunidade Boa Fé que tem um outro povo de raça indígena e negra e a comunidade Santa Fé que é a última. E tem a São Raimundo que fica aqui nos afluentes e essas aqui fica tudo no Mutuacá direto. Essas são as Comunidades Eclesiais de Base, católicas, tem as evangélicas, duas comunidades evangélicas, que é a Assembléia de Deus e Deus é Amor que estão junto com a gente na mesma discussão.” JUSTA PANTOJA DE OLIVEIRA

## Criamos uma Coordenação do Meio Ambiente, um decreto lei proibindo o corte de palmito

“No nosso Rio Mutuacá localizado exatamente hoje com a Associação Remanescente de Quilombos nós temos, com quinze anos de luta, uma Coordenação de Meio Ambiente. Porque em 96 foi aquela situação, a gente criou um decreto de lei conquistado pelo povo do Mutuacá, assinado pelos vereadores, proibindo o corte de palmito que na época era uma total devastação o corte de palmito. Ficou muita gente sem tomar açaí na época de 97, 98, 99, então foi preciso se criar essa lei em 97. Foi aprovado o corte da madeira pina, que as serrarias, cada uma família queria ter a sua serraria pra explorar madeira, e a pesca de forma desorganizada com o timbó. E isso deu muita confusão e a gente conseguiu vencer até um determinado tempo. Mas pra esbandalhar a lei colocaram um secretário do Meio Ambiente que não entendia nada da secretaria e começou a dar pra um fulano de tal, porque chegava lá e era um amigo dele e fez uma lei que amparou o uso da motosserra com a exploração da madeira e sem contar que os madeireiros, aconteceu como aqui em Portel, o cara veio lá do Moju, lá de Igarapé-Mirim, lá do Limoeiro buscar madeira de lá do Mutuacá. Nós não somos explorados assim por outras pessoas que vem se apossar. Mas nós tivemos conflito com a chamada empresa que prevaleceu em Portel, foi a chamada Amacol. Eles se localizavam aqui na comunidade Boa Fé, tinham uma serraria aqui no Caiana e tomaram conta disso tudo e até hoje existe lá. Ninguém podia caçar, botar uma armadilha, tirar nada. Tudo era da Amacol. Essa Companhia abrangiu toda essa área que hoje é da Reserva Terra Grande Pracuúba e esse conflito só não foi mais porque a empresa faliu, mas nós tivemos um problema sério com essa Amacol! Eles passavam com os barcos cheios de homens e iam pra comunidade Boa Fé. Então, essa questão com os madeireiros, eles enriqueceram e os moradores continuam cada vez mais pobres porque eles entraram no rio, tiraram toda a riqueza! Por exemplo, quando era janeiro eles trocavam um quilo de charque por um pé de madeira e levavam uma fila daqui pra baixo, iam vender em Belém, não sei pra onde. Então, a nossa história, a nossa luta por essa titulação é muito grande.” JUSTA PANTOJA DE OLIVEIRA



Nazaré Pinheiro de Oliveira, Maria das Graças Carvalho, Maria de Fátima de Jesus Souza na oficina realizada em Curralinho, em julho de 2013; à direita, Justa Pantoja de Oliveira e sua filha Juciele.

## A RESEX deu uma recuada

“Então, uma coisa muito séria que a gente deve colocar é: ou eu prefiro ser quilombola ou ser da Reserva. Porque muita gente já falou assim que Associação nossa já estava praticamente com seis, sete anos sem nenhum benefício e a Reserva que foi muito tempo depois já está montando um Telecentro e outras coisas, então aí gera um conflito.” MORISALBERTE DE JESUS CARVALHO

“Nós entramos nas comunidades e começamos a articular as situações que havia dentro do Mutuacá. Então o que ela fez? A Resex baixou, deu uma recuada e nós comunidades, continuamos ativamente o nosso trabalho, agora o que nós temos e pedimos realmente são as retiradas de madeiras que a gente concorda com eles, da Reserva, para não serem exploradas pelo povo lá de fora, entendeu? Mas a questão da roça prevaleceu, nós fazemos a nossa roça, queremos cultivar, por exemplo, essa área aqui e no próximo ano nós continuamos cultivando nessa mesma área, pra estar gerando produto pra fora do rio. Essa está sendo a nossa estratégia para que todos nós não desmate uma parte da mata e só plante a mandioca e deixe a mata, mas a gente vai procurando cultivar essa terra por dois a três anos pra gente poder ir pra outra área.” JUSTA PANTOJA DE OLIVEIRA

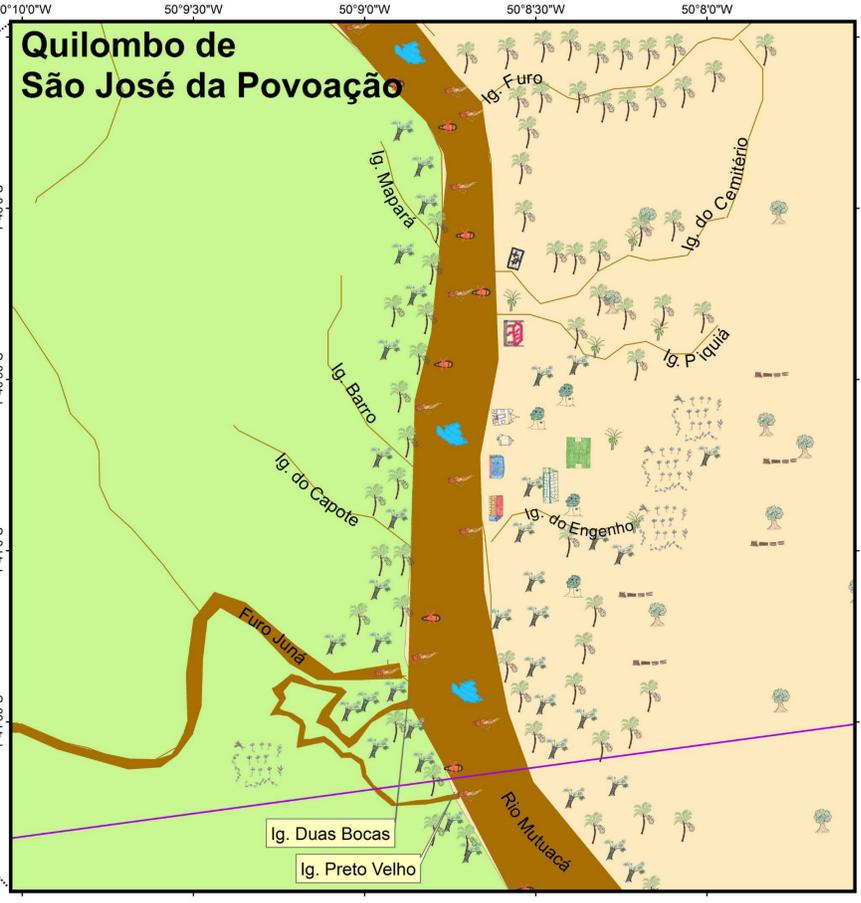
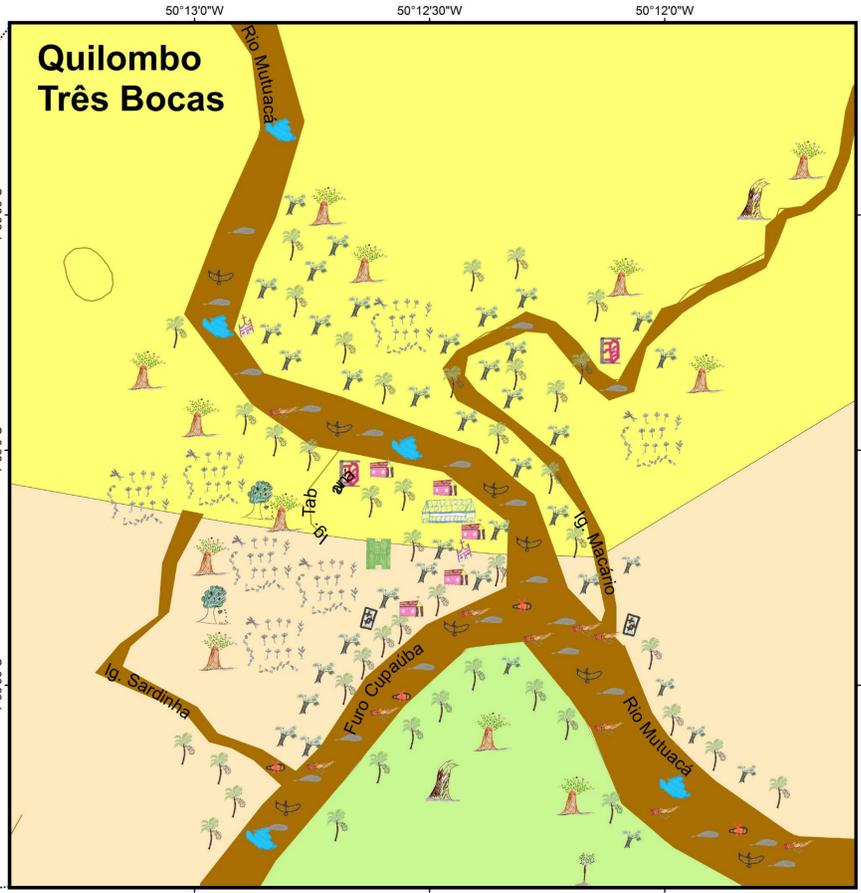
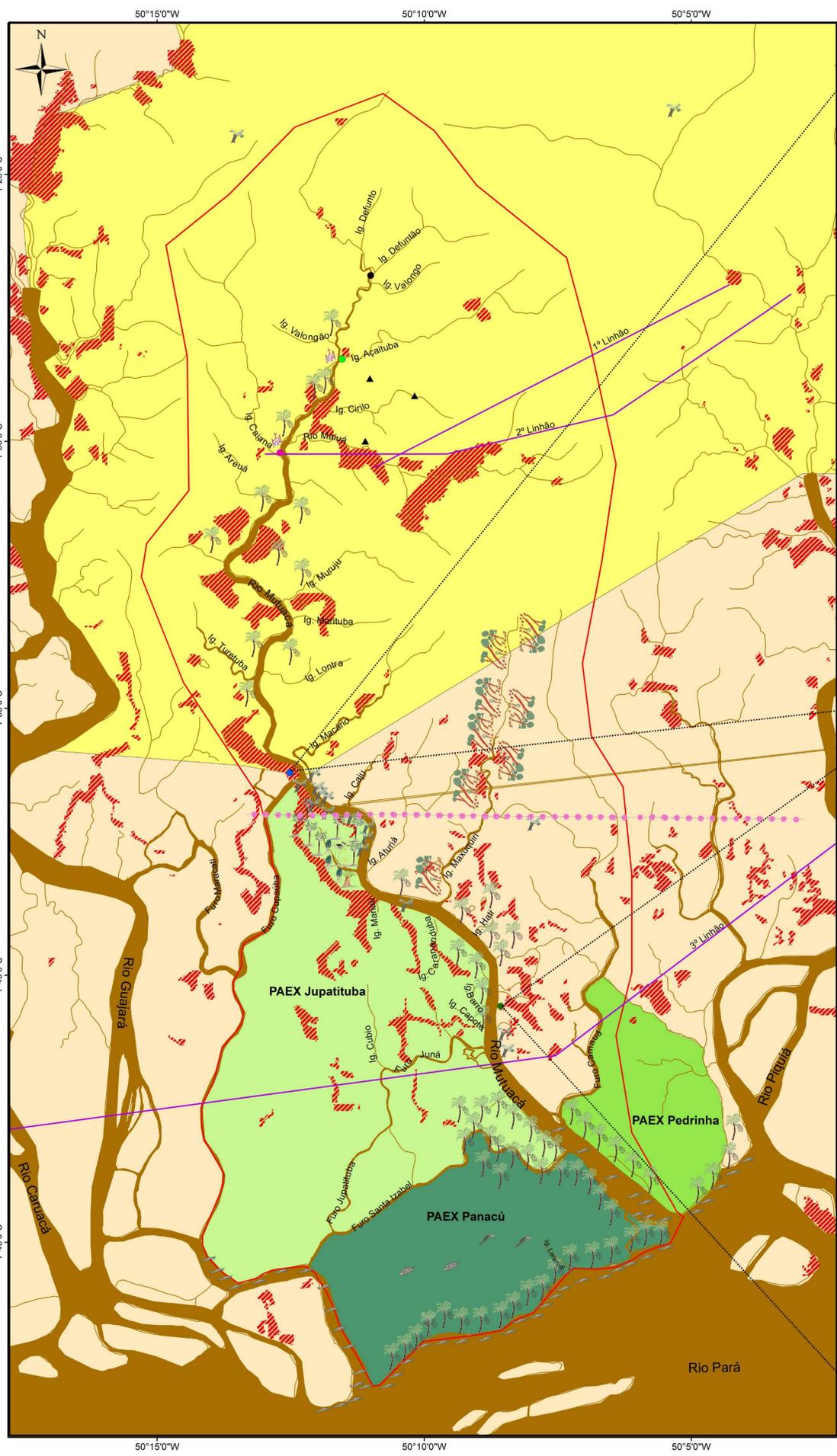
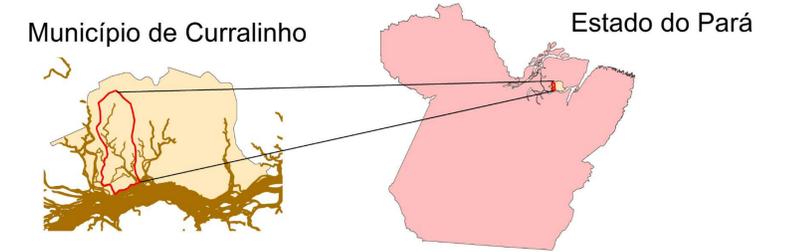
## Assentamentos agroextrativistas do INCRA/SPU irrompem no projeto da Associação Quilombola – ARQUIRMA

“Olha o INCRA praticamente não declarou nada, pelo menos pra saber se a gente estava em alguma associação ou se não. Ele só apenas declarou que essa área lá fazia parte do assentamento e não decidiu assim, dizendo pelo menos se proíbe ou se não proíbe. E quem fazia parte daquela área do assentamento podia ser praticamente livre. Eu pensei, fiquei conformado até. Porque assim a gente não tinha uma decisão exata e aí eu fiquei conformado como se a gente tivesse uma resposta. Sabe, porque foi uma reunião que foi feita com todos nós do assentamento Jupatituba, reunindo umas trinta famílias. Porque praticamente todas essas famílias não tinha decisão, nunca tinha sido informado. Uma única vez praticamente, quer



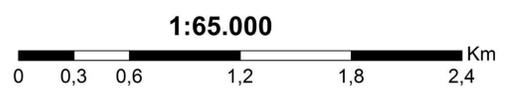
Equipe trabalha no desenho do croqui do Rio Mutuacá e seus afluentes na Escola de São José de Povoação

# Quilombolas do Rio Mutuacá e seus afluentes - Curralinho, PA



## Legenda e Convenção Cartográfica

- |  |  |  |   |
|--|--|--|---|
|  | Casa linda   |  | Roças                                     |
|  | Casa Antiga dos Moradores da Povoação                |  | Açaizeiro                                 |
|  | Casa Grande do Patrão                                |  | Miritizeiro                               |
|  | Serraria   |  | Piquizeiro                                |
|  | Escola   |  | Castanheira                               |
|  | Igreja e Coreto da Povoação                          |  | Uxizeiro                                  |
|  | Igreja   |  | Pupunheira                                |
|  | Campo de Futebol                                     |  | Desmatamento de castanheiras              |
|  | Cemitério  |  | Desmatamento de piquizeiro                |
|  | Atravessador / Barqueiro                             |  | Desmatamento ilegal no Ig. Machuquiri     |
|  | Pescador   |  | Animais em extinção                       |
|  | Linhão Oficial (Desmatamento)                        |  | Jacaré                                    |
|  | Linhão Não-Oficial (Desmatamento)                    |  | Jaboti                                    |
|  | Pesca de Camarão                                     |  | Jucuruxi                                  |
|  | Território de Pesca                                  |  | Poliuição                                 |
|  | Área aproximada da bacia da Rio Mutuacá reivindicada |  | Desaparecimento de camarão                |
|  | Resex Terra Grande-Pracuúba                          |  | São José da Povoação                      |
|  | PAEX Jupatituba                                      |  | Três Bocas                                |
|  | PAEX Panacú  |  | Povoado Boa Fé                            |
|  | PAEX Pedrinha  |  | Casa do Sr. Dema                          |
|  | Corpo D'água   |  | AMACOL - Amazônia Compensados e Laminados |
|  | Curralinho   |  | Igarapés                                  |
|  | Áreas de Desmatamento acumulado (2000-2012)          |  | Limite do Estado do Pará                  |



**Nova Cartografia Social da Amazônia**  
 Projeto Mapeamento Social como instrumento de Gestão Territorial  
 contra o Desmatamento e a Devastação:  
 processo de capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais

Sistema de Coordenadas Geográficas: LAT/ LONG  
 Carta Topográfica Digital - DSG - DATUM - SIRGAS,2000  
 Unidade: Grau  
 Fonte: Banco de dados matriciais -INPE -Imagens Landsat TM 5 CCD  
 IBGE, 2007/ PRODES-INPE, 2012 / Trabalho de Campo, Oficina e Croqui, 2012 - 2013  
 Croqui: Quilombolas de Três Bocas e São José da Povoação do Rio Mutuacá.  
 Pontos de GPS: Manoel Baia de Oliveira, Raimundo Elinaldo Ribeiro,  
 Morisalbert de Jesus Carvalho,  
 Gilvandro de Sousa e Eliana Teles Rodrigues.  
 Equipe de Pesquisa: Eliana Teles Rodrigues e Rosa Elizabeth Acevedo Marin  
 Responsável Técnico: Thiago Alan Guedes Sabino (PNCSA/NAEA-UFPA)  
 Data: Abril /2014.









Morisalberte de Jesus Carvalho apresenta o croqui do Baixo Mutuacá



Rosália Oliveira apresenta o Médio Mutuacá

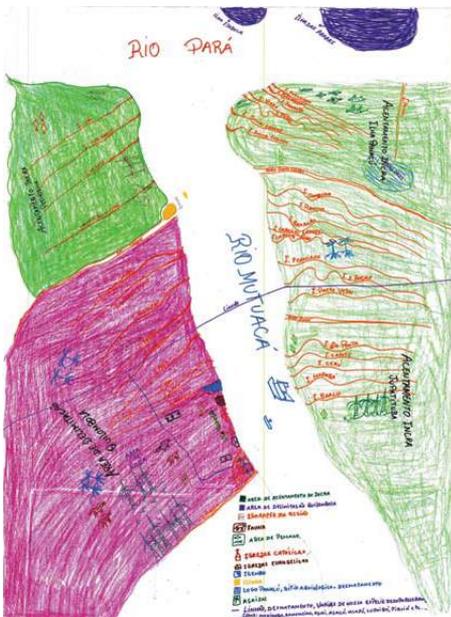
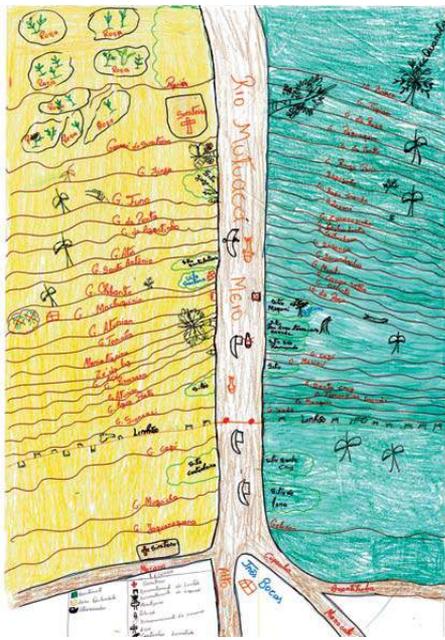
tá resolvendo nada. Então, eu sou mesmo quilombola. Eu fiz roça, só que aí no meu lado, onde eu moro, lá é só valia. Eu faço roça pro lado de cá, dos quilombolas, porque já no meu lado, no assentamento não tem onde eu fazer roça. Só faço explorar o palmito e madeira lá e só. Eu moro bem aqui em frente mesmo.” JOÃO FERNANDES FERREIRA DE JESUS

“Então, aqui pra quem quiser chegar no Mutuacá, ele entra no rio Pará. Dentro do Rio Pará vai ter duas ilhas como referência, essa menor aqui que é a Ilha da Taboca e a maior que é a Ilha das Araras. Então, entrando, aqui vai estar o primeiro igarapé, que é o Uã, o nome desse igarapé. Essa parte aqui é bastante à nível de pescado, tanto do peixe como do camarão. Aí, como vocês estão vendo, essa parte está pintada de verde como essas outras. Se vocês olharem aqui na legenda, vocês vão ver que isso aqui é uma área de assentamento. É uma área do INCRA.

Então, é uma área também que é uma área baixa, uma área de várzea. Então, não pode fazer a roça aqui. Então aqui eles vivem praticamente da pesca, onde compram farinha e os seus alimentos. Descendo mais aqui tem o Igarapé Santa Maria. Esse aqui é o igarapé Mulato. Aqui também é o Igarapé Pau de Letra. Aqui como vocês estão vendo bem na entrada é a Ilhinha que fica aqui próximo e dá acesso ao Rio Camauá. O Rio Camauá serve de divisa das terras de delimitação quilombolas, que é essa que estamos aqui, com as terras do assentamento do INCRA.

Então, essa parte que vocês estão vendo, a gente fez grande pra colocar mais detalhado, mas ela é menor que essas, que essas outras áreas. Então, aqui é o Rio Camauá, que é um rio que tem

dizer, o INCRA veio a primeira vez e a segunda foi com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que era quem tava patrocinando e depois a gente ficou só com o sindicato, já fazendo reunião com a gente. Isso aí por intermédio do INCRA. Eles num disseram nada pra gente sobre terra. Só disseram assim que iam ter só apenas uma decisão de projeto pra gente decidir apenas de trabalhos. Exatamente, começou com 36 e hoje está abrangendo uma faixa de 80 famílias. E tem gente, tem família que tá indeciso porque não tem assim uma decisão do que vai acontecer. Praticamente o que acontece é que é uma área de não exploração, mas de reserva. Já foi gente até responder audiência por causa que ele não está sabendo administrar. E nos projetos agroextrativistas não parou a exploração de madeira, não parou a exploração de palmito, nada! Continua sempre no mesmo, não mudou nada. Nessa área de assentamento Jupatituba continua a mesma coisa de antes, apenas teve um aviso pela Associação que serraria não podia cortar mais, se ainda tivesse, mas isso aí não obedeceram, ficaram colocando mais serraria sempre e continua sendo o mesmo. E por isso que eu digo assim que eu sou assentamento e eu sou também quilombola. Eu quero ser mais quilombola do que assentamento porque pra mim assentamento não



bastante madeira, que já tiraram muito, mas ainda tem. É um rio também que essa parte do centro tem uma expansão muito grande de motosserras espantando caças, mas ainda se encontra muita madeira e peixe. Aí vem logo aqui o Curral Grande, que dá acesso ao igarapé do Camauá. Aí subindo, no caso aqui nós descendo, o Curralzinho, que dele foi tirado também uma área grande de palmito. Madeira ainda tem pouco, mas palmito tá fraco. Descendo mais aqui tem o Igarapé Barro, mais aqui embaixo o Barrinho. Subindo aqui é o Igarapé da Roça, depois o Igarapé Boi, depois o Jupatí, depois é o Engenho. Aqui que foi construído o antigo Engenho, que vocês vão ver na legenda. Essa área é a Assembléia de Deus dos evangélicos. Indo mais aqui é a escola, onde nós estamos. Passando um pouco, a Igreja de São José, e logo na frente o Posto de Saúde da comunidade. Aqui é o campo do Senhor Manoel Baía, e aqui é o campo daí de trás que é de terra, que é onde a gente joga bola. Essa área aqui que foi marcada é a região de nós fazermos roça, é área de roçado. Isso aqui, se der

pra vocês ver, é maniva, mandioca. Essa área também tem muito açaí, que é o que abastece todo o povo da vila.

Essa parte aqui todos tiram açaí praticamente ali no Igarapé de nome Piquiá. Olha, aqui também tem caça, não é mais abundante como era há 10 anos atrás, 20 anos atrás, mas ainda se encontra. Agora, passando pra cá ainda tem mais.

Aqui é o ponto de conflito: Panacu. Esse Panacu ele é muito rico em peixe,



Raimundo Ferreira (Seu Dema) e sua companheira Justina dos Santos na comunidade Santa Fé, no alto Rio Mutuacá.

que já falaram, só que ele é também muito invadido. Muitas pessoas vêm de outros municípios querendo pegar o pescado aqui, tanto o peixe como o camarão.

Essa área aqui é o Lago do Panacu como está marcado. Se vocês forem olhar na legenda depois vocês vão ver. E logo aqui perto é uma área que tem muito desmatamento. O Igarapé Panacu vem e desce.

Esse primeiro igarapé aqui é o Furuzinho, o segundo é o Furo Grande, depois é o Pirarara. Logo depois é o Veado, depois o Patos, aí vem o Sucuri Grande e o Sucuri Pequeno. Aqui vai pegar e delimitar uma área do assentamento Panacu e Furo Santa Izabel. Parte daqui é o assentamento Jupatituba, onde o outro grupo falou um pouco, e a outra parte superior, que é a parte de cima é o assentamento Panacu.” MORISALBERTE DE JESUS CARVALHO, OFICINA DE 30 DE MARÇO DE 2013

## **Destruição de espécies madeireiras e de açaiçais**

“O primeiro linhão que eles abriram foi no centro, acima do Rio Maiuá. Ai eles abriram o primeiro linhão, no qual as famílias que passavam dentro do terreno delas impugnou, foi pra lá denunciou, pararam. Ai eles abriram outro abaixo do campo Mangueirão, que é na comunidade Boa Fé. Esse linhão foi pro lado até próximo do Piriá. Terminaram de limpar e pararam. De lá eles vieram e abriram um aqui abaixo da vila São José. Esse linhão acabou com tudo o que tinha na ilha do Camauá, na ilha do Juná e atravessou pro Guajará, pra Santa Izabel e chegou até não sei aonde no Guajarazinho, esse buraco aí! E eles pararam de novo e quando chega lá no Guajarazinho que faz o rumo pra Breves, eles param o linhão, com o trabalho. Voltam a fazer outro que é esse que passa no Cupaúba entre as Três Bocas e São José. Passa no Cupaúba, Piriá, Mutuacá até Curralinho. Na nossa comunidade, o maior dano foi porque várias espécies que tinham dentro da ilha foi derrubada como açaiçais, roças e grande quantidade de madeira. Esse terceiro linhão que foi aberto aqui, derrubaram piquizeiro, bacabeira, é um desperdiço! A madeira está tudo lá, apodreceu porque não tinha como tirar. E é de todo tamanho! Tinha árvore aqui no centro do igarapé do Furo, aqui acima da vila que acabaram com a mata pura mesmo ali onde nunca foi derrubado. Eles derrubavam mesmo num só golpe. Era tudo: jari, mututi, andiroba, o que eles iam passando na frente, eles não tinham pena de nada. Do furo do igarapé Socó eles derrubaram tudinho o açaiçal e era de lá que a gente bebia açai. Porque lá é tudo baixo, e a madeira que tinha lá? Eu digo que tinha uns de seis metros de grossura. Então, essas árvores levou quase tudinho aquela área e era uma desmatação porque eles não tinham piedade, não era à modo por necessidade, era por interesse. Só foi entre as Três Bocas e São José, é esse aí que tá ou que fica de utilizar porque só está o linhão, os postos, mas a energia não está. Pra mim foi um grande dano porque uma extensão de 40 quilômetros de Breves até aqui!” MARIA DE FÁTIMA DE JESUS SOUZA

“Era porque era ordem deles fazer isso, mas agora os prejudicados somos nós. Ai nós ficamos prejudicados porque era motosserra. Então esses são os danos.” MARIA DAS GRAÇAS DE JESUS CARVALHO

## **Reivindicações**

### **Titulação do território quilombola do Rio Mutuacá**

“Quando nós fomos no INCRA pra ver como estava o processo de criação das terras aqui, eles falaram: ‘vamos dar prioridade aonde tem conflito!’. Só que nós acabamos ficando nas conversas no INCRA e vimos o que aconteceu: está tudo dividido o território. Onde vocês estão dividindo as terras lá dos quilombolas e quando se percebeu agora, o território quilombola que ele definiu já está tudo acabado. Então, a comunidade tem que se unir mesmo e tem que ir atrás, porque não é esperar que outro venha fazer. Tem que reivindicar!” MANOEL BAIA OLIVEIRA

“Desde 2004 que foi a fundação da nossa entidade a gente já tem vários desafios com a titulação, já corremos, fomos a vários órgãos, fizemos vários processos e essa retorna nunca chega em nossa mão, o requerimento que a gente faz a nível da nossa comunidade. Iniciamos com muita carência, muita pobreza, muita falta de condições e tudo isso também dificulta a comunicação isso tudo são problemas que a gente enfrenta em nossa comunidade. Temos conflito com o INCRA, temos conflito com a Reserva.” MARIA DE FÁTIMA DE JESUS SOUZA

### **Direitos quilombolas confrontados com a RESEX Terra Grande Pracuúba**

“Nós aqui temos os nossos direitos quilombolas, nós vamos correr atrás. Então isso aqui é muito grande, essa extensão! Mas mesmo assim com tudo isso lá dentro, essa comunidade aqui está sendo explorada, por outras pessoas que vem lá de fora explorar. Aqui dentro está a maior riqueza de caça, de peixes que está no nosso Mutuacá e a madeira e o açaí, quando dá a colhida do peixe no verão, tem muito peixe que vai daqui pra lá.” RAIMUNDO ELINALDO DE JESUS RIBEIRO

“O Mutuacá é um rio de muita riqueza e tem também alguns exploradores; porque lá no rio já não tem as empresas, tem as pequenas serrarias e depois que o IBAMA entrou, deixou algumas serrarias, ficaram algumas funcionando pra ter o sustento de vida e hoje com a criação da Reserva, você já não pode tirar madeira nem pro seu sustento, então isso também tá dando uma situação muito grave.” JUSTA PANTOJA DE OLIVEIRA

### **Não queremos Bolsa Verde**

“Eles vão dá uma Bolsa Verde, que lá na comunidade de São José não aceitamos Bolsa Verde, nós não aceitamos. Se tem um companheiro nosso lá que tem Bolsa Verde nós temo procurando saber por que se ele tem, a gente vai mandar ele sair de lá porque não pode ficar lá com nós. O aposentado ganha 600 reais, mas não dá pra ele comer diretamente um mês, então 300 reais pra uma família não dá, ele vai ter que trabalhar na terra, então ninguém devia ter aceitado lá em cima.” MANOEL BAIA OLIVEIRA

### **Escolas quilombolas no Rio Mutuacá**

“A única escola que já é reconhecida remanescente de quilombo está dentro da São José da Povoação, na comunidade Três Bocas, ainda não. A presidente procurou os diretores e pediu que elas entrassem com a solicitação.” MORISALBERTE DE JESUS CARVALHO



**Prédio e placa de inauguração da EMF Quilombola de São José da Povoação. A foto da escola ilustra uma das atividades dos participantes do curso de GPS, ministrado em agosto 2013**

#### **CONTATO**

ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTE DE QUILOMBOS COMUNITÁRIOS EXTRATIVISTA DO RIO MUTUACÁ E AFLUENTES – ARQUIRMA  
São José da Povoação, Rio Mutuacá, Curralinho PA



PROJETO

# Mapeamento Social

ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTE DE QUILOMBOS COMUNITÁRIOS EXTRATIVISTA DO RIO MUTUACÁ E AFLUENTES - ARQUIRMA

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracaraí RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curralinho PA



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7883-287-2



9 788578 832872

PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

**FUNDO  
AMAZONIA**

**BNDES**

Ministério do Meio Ambiente  
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior  
FUNDO AMAZONIA

REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTE DE QUILOMBOS COMUNITÁRIOS EXTRATIVISTA DO RIO MUTUACÁ E AFLUENTES - ARQUIRMA

APOIO

COLÔNIA DE PESCADORES Z-37  
CURRALINHO

**UEA**  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

